

## **Os processos de aprendizagem de um grupo de mulheres para superação das desigualdades de gênero na agricultura familiar.**

*The learning processes of a group of women to overcome gender inequalities in family farming.*

PIO, Juliana do Carmo Jesus<sup>1</sup>; HIRATA, Aloisia Rodrigues<sup>2</sup>; PEREIRA, Viviane Santos<sup>3</sup>; OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza de<sup>4</sup>;

<sup>1</sup>IFSULDEMINAS, julianaapaivapio@gmail.com; <sup>2</sup>IFSULDEMINAS, aloisia.hirata@ifsuldeminas.edu.br

<sup>3</sup> UFLA, vivianepereira@prg.ufla.br; <sup>4</sup> UFLA, marocabj@gmail.com.

### **Eixo temático: Gêneros e feminismos na agroecologia**

#### **Resumo**

O grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI) reúne agricultoras familiares do município de Poço Fundo-MG, produtoras do “Café Feminino”. O objetivo deste estudo foi compreender os processos de aprendizagem do grupo para a superação das desigualdades de gênero na agricultura familiar. A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada em 2019 utilizando como instrumento de coleta de dados: análise documental, observação participante, grupo focal e entrevistas semiestruturadas. Essa análise revelou que aprendizagem do grupo se constituiu como um ciclo com aprendizados em diversas áreas que resultou em transformações no âmbito agrícola, gerou reconhecimento e visibilidade do trabalho dessas agricultoras e revelou a preocupação do grupo com o desenvolvimento sustentável, despertando-as para a vertente da agroecologia.

**Palavras-chave:** Gênero; Igualdade; Café feminino.

**Keywords:** Genre; Equality; Female cafe.

#### **Introdução**

A agricultura familiar não é um termo novo, esse grupo que é chamado hoje de Agricultora Familiar recebeu, ao longo da história, diferentes nomenclaturas, a maioria de cunho pejorativo como caipira a atrasado, sendo condenado ao desaparecimento com a chegada do desenvolvimento capitalista. Porém, os agricultores familiares persistiram e passaram a se organizar a fim de reivindicar ao estado políticas públicas que os incluíssem no desenvolvimento do país. Logo, esse termo surge no contexto da inserção das parcelas excluídas do processo de desenvolvimento.

Agricultura Familiar no Brasil é muitas vezes marcada por uma relação particular com a terra, sendo ela seu local de trabalho e moradia, possuindo os agricultores orgulho de criar plantar e colher, são homens e mulheres que unem suas famílias em torno do trabalho no campo. Assim, ela se abre para outra dimensão como a do cooperativismo, da agroecologia, na produção de uma alimentação saudável com o objetivo de promover a saúde das pessoas.

É nesse contexto da agricultura familiar que estão inseridas as mulheres do grupo MOBI, contexto esse que de acordo com Abramovay (1998) constitui-se em uma

forma viável de desenvolvimento que propicia, além de melhores condições de vida e luta contra a pobreza, o desenvolvimento sustentável.

O Grupo MOBI nasceu em 2006 e hoje conta com 40 mulheres, produtoras de café, cooperadas na Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região LTDA (COOPFAM). A busca pela igualdade e por um espaço legítimo de participação foi um dos principais motivos para que iniciassem a discussão sobre a titularidade da cota e a criação da marca “feminino” para o café produzido por elas.

O Café orgânico Feminino foi criado em 2007, é um café de alto padrão, produzido pelas mulheres que compõem o grupo MOBI, sendo comercializado no Brasil pela certificação participativa e exportado via certificação *Fair Trade* para diversos países. As atividades na âmbito da agricultura familiar desenvolvidas por essas mulheres se inserem no contexto da agroindústria familiar que, de acordo com Wilkinson (2008) surge com o objetivo de desenvolver iniciativas e criar alternativas aos mercados tradicionais.

O Grupo MOBI destaca-se pela visibilidade do seu trabalho com a produção do Café Feminino e também pelas transformações obtidas por meio das ações coletivas e os aprendizados construídos nas práticas de aprendizagens realizadas. Essas mulheres vivenciaram um conjunto complexo de ações educativas que contribuíram para o desenvolvimento individual e coletivo dessas agricultoras.

O grupo interage coletivamente no âmbito local revelando uma preocupação com o ambiente em que estão inseridas e com o desenvolvimento sustentável, sobretudo com relação ao não uso de agrotóxicos, dialogando assim com a agroecologia que possui como princípio a produção agrícola que não agrida o meio ambiente. Assim, este estudo visa descrever as contribuições desses aprendizados para a superação das desigualdades e alcance de conquistas no âmbito da agricultura familiar.

## **Metodologia**

Este trabalho originou-se de uma pesquisa de mestrado intitulada “O Café Feminino: da roça para o mercado exterior e os processos de aprendizagem do Grupo MOBI - Poço Fundo-MG” apresentado em 2020 ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras.

O ambiente de concentração da pesquisa foi no espaço de atuação das mulheres que compõem o grupo MOBI, na COOPFAM localizado em Poço Fundo-MG. Esta investigação constituiu-se como sendo qualitativa e buscou valorizar o processo vivenciado pelas mulheres do grupo, sendo significativos os indicadores subjetivos.

Os procedimentos de coleta de dados foram a análise documental, observação participante, grupo focal e entrevistas semiestruturadas para que fosse elaborada a análise crítica das mudanças ocorridas mediante as atividades de aprendizagem ocorridas. Foi realizada a sistematização de dados, análise e interpretação, considerando a pesquisa bibliográfica realizada.

## Resultados e Discussão

A organização da categoria dos agricultores familiares conduziu a uma maior valorização no âmbito social, econômico e ambiental, além de dar visibilidade ao trabalho rural realizado. Essa organização se deu em virtude do contexto de exclusão vivido, diante disso, as mulheres do grupo MOBI possuem sua trajetória individual e coletiva inserida no âmbito da Agricultura Familiar e se veem em um contexto duplo de exclusão, como agricultoras familiares e mulheres rurais.

Enquanto mulheres rurais não viam seu trabalho ser reconhecido e valorizado. Iniciaram seu percurso “ajudando” a família na lavoura, depois de se casarem, passaram a “ajudar” o marido. Paulilo (1987) atenta-se para a relação em que o trabalho da mulher rural é considerado ajuda ou trabalho “leve”, sendo a remuneração baixa ou mesmo a mulher não é remunerada por esse trabalho, considerado auxílio. Isso foi evidenciado no relato da presidente da cooperativa:

O trabalho da mulher no campo é muito importante, tem uma participação muito grande e às vezes fica muito anônimo, escondido e às vezes é entendido só como uma ajudinha, o marido é ajudado pela mulher, mas na verdade, você vê que em muitos casos é a mulher que comanda mesmo, só pelo trabalho ali, meio que escravizada mesmo pelo tanto que trabalha em casa e na roça e não tem valor (Alberta).

Em geral, as mulheres que hoje compõem o MOBI, trabalhavam na lavoura, porém não possuíam cotas na cooperativa, não participavam da etapa de comercialização, em muitos casos nem decisões de gestão da propriedade ou mesmo das decisões estratégicas dentro da cooperativa, sendo seu trabalho encarado como ajuda.

A presidente da COOPFAM e integrante do grupo MOBI em entrevista para a notícia “Produtora de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa” publicada no site do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, em 06 de outubro de 2019, trata da falta de confiança que enfrentou quando assumiu a presidência da cooperativa. Ela relatou que *“sofreu resistência, não somente por ser mulher, mas por duvidarem de sua capacidade de autonomia nos processos e tomada de decisões”*. Essa situação condiz com a situação da invisibilidade do trabalho da mulher rural retratada por Paulilo (1987) em que a mulher rural não é considerada capaz para tomar decisões, embora faça parte do processo de produção, está invisibilizada. A fim de buscar a valorização das mulheres no segmento agrícola em que estavam inseridas: o café, práticas educativas foram realizadas na área agrícola e contribuíram para as conquistas obtidas, sobretudo no que diz respeito ao café, diversos aprendizados foram construídos. Quanto às ações educativas desenvolvidas, elas eram de diversos tipos (cursos, palestras, oficinas e projetos estabeleceram relações com os saberes das agricultoras) e foram realizadas organizações como UNIFAL, IFSULDEMINAS SENAR e ONG Sapucaí.

No percurso de aprendizagem construído pelo grupo, os resultados começaram a surgir. Mulheres que nem sequer frequentavam a cidade, passaram a compor um núcleo da Cooperativa, a possuir cota, a possuir uma lavoura própria e uma marca própria de café. O processo que levou a essas conquistas significou um universo de

aprendizados no âmbito da agricultura, revelou a preocupação do grupo com o desenvolvimento sustentável que refletiram na produção do Café Feminino e gerou reconhecimento e visibilidade das mesmas enquanto agricultoras familiares.

O Café Feminino teve grande relevância na trajetória do grupo, embora a marca seja de domínio da cooperativa. Hirata (2019) ressalta que as mulheres do MOBI, desde o início, se apropriaram e deram o verdadeiro sentido à marca. Ainda de acordo com ela, foram construídas normas e regimento para uso da marca, preservando e garantindo que só fosse utilizada por mulheres envolvidas na produção de café.

Foi possível perceber que, além de gerar renda, esse café busca dar visibilidade ao trabalho das produtoras hoje presentes em todas as etapas de produção: gestão, comercialização, semeadura e colheita. Um passo importante para o grupo foi a conquista do direito de decidir sobre as normas do seu principal produto, o Café Feminino, que antes era uma decisão na assembleia geral da COOPFAM, composta majoritariamente por homens que desconheciam a luta e as atividades do MOBI. Essa conquista se deu no decorrer da execução do projeto de extensão de fortalecimento do grupo, podendo ser considerada um dos resultados do projeto.

As atividades realizadas trouxeram discussões de temas fundamentais como a importância da mulher rural, autonomia das mesmas, igualdade de gênero e a relação das mulheres com o meio ambiente. Tais discussões contribuíram para as conquistas alcançadas na trajetória do grupo e representaram uma melhor compreensão da importância da mulher rural e valorização dos conhecimentos locais, como pode ser observado nos relatos que seguem:

Eu aprendi muito com cursos, com formações, a gente aprendeu muito que a gente pode né, a gente tem muito valor, o trabalho rural tem que ser muito valorizado (Alberta).

O curso não pode também, não pode desprezar o que a pessoa já sabe, tudo o que você sabe não serve de nada e agora vou te ensinar a única forma certa que existe no mundo de fazer isso, nem de liderança de qualquer coisa. Existem muitos jeitos de fazer aquilo (Paula).

Por meio dos relatos acima, percebe-se que houve uma construção de novos saberes e mudanças na caracterização do trabalho da mulher. Conforme Tedeschi (2004), uma das raízes da desigualdade de gênero está na educação, nesse contexto, as práticas educativas realizadas vêm contribuindo para transformar essa educação que cria a imagem feminina voltada para a família e situando-a em um plano de desigualdade em relação ao homem. Assim, por meio das formações realizadas, o grupo vem alterando o sistema cultural tradicional e conscientizando as mulheres da importância do seu conhecimento e do seu trabalho.

Com relação ao aprendizado adquirido na área da agricultura, as mulheres passaram a valorizar mais seus conhecimentos, seu trabalho e ampliaram a visão para uma nova área de conhecimento: o meio ambiente, buscando não só a produção e os lucros, mas também um maior envolvimento para a conservação dos recursos naturais ao utilizar-se de técnicas mais naturais de plantio e manejo.

Diante do exposto, a aprendizagem do grupo se constituiu como um ciclo em que uma aprendizagem influenciou e era influenciada por outras resultando em uma visibilidade positiva para o grupo. Isso ocorreu em várias direções, uma mulher influencia a outra e ao mesmo tempo é influenciada pela outra. Nesse ciclo de aprendizagem, novas áreas de conhecimento são incorporadas em virtude da ampliação da visão do grupo e do surgimento de novas demandas. Destaca-se nesse âmbito as discussões relativas ao meio ambiente que se fortaleceram com o crescimento dessas mulheres e do Café Feminino Orgânico.

## Conclusões

O envolvimento coletivo das mulheres do grupo trouxe debates e aprendizados na temática da igualdade de gênero. As discussões geraram um amadurecimento das mulheres não só no plano coletivo, mas também no individual que fortaleceu as mesmas para enfrentar as desigualdades.

O amadurecimento conquistado ao longo das diversas práticas educativas realizadas e no convívio coletivo levou as mulheres a um maior direcionamento das atividades para a produção do café. Diante disso, os aprendizados realizados resultaram em transformações no âmbito agrícola, com conquistas relacionadas ao Café Feminino. As mulheres passaram a valorizar mais seus conhecimentos, o trabalho da mulher rural e ganharam autonomia na produção e na tomada de decisões da produção do café.

Os aprendizados no âmbito da agricultura ampliaram para a inserção de uma nova área de conhecimento: o meio ambiente. O envolvimento dessas mulheres na produção orgânica levou a uma relação mais equilibrada com o ambiente natural e esforços para conservação dos recursos naturais ao utilizar-se de técnicas mais naturais no ciclo de produção do café.

## Referências bibliográficas

HIRATA, Aloisia Rodrigues; ROCHA, Luiz Carlos Dias; BERGAMASCO, Sônia Maria Pessoa Pereira. A Certificação Participativa do Café Feminino. **Caderno de resumos da IX jornada de estudos em assentamentos rurais**. 9. ed. Campinas: Unicamp: FEAGRI, 2019. Disponível em: <https://www.feagri.unicamp.br/jornada/2019/trabalhos>. Acesso em: 25 out. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PRODUTORA de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa. **Lapada Lapada**: notícia nua e crua, Cuiabá. 10 out. 2019. Disponível em: <https://lapadalapada.com.br/2019/10/07/produtora-de-cafe-organico-da-exemplo-de-lideranca-em-cooperativa.html>. Acesso em: 04 jan. 2021.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre:UFRGS, Programa Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, 2008. 216p.